

Imagem, texto e lenda: leituras cruzadas

Lúcia Maria Cardoso Rosas

Departamento de Ciências e Técnicas do Património FLUP/CITCEM

O fenómeno de criação de uma lenda através de uma imagem, ou que nela se suporta, é de há muito reconhecido pelos estudos de iconografia. Esta comunicação pretende abordar a conjugação entre uma construção historiográfica e identitária de cariz lendário e as relações entre texto e imagem, centrando-se num exemplo concreto: o designado túmulo de Egas Moniz [1080-1146] (Mosteiro de Paço de Sousa). Muito embora a sua atual composição – que resulta de um restauro de 1929 – combine peças de distintos túmulos, o facto de este *monumento* estar associado a um dos mais prestigiados heróis da nação conferiu-lhe uma imensa carga simbólica, transformando-o num dos exemplares de arte funerária mais celebrados em Portugal.

Todavia, a análise deste exemplar demonstra que as imagens e o *sistema narrativo* que as relaciona têm paralelos em programas datados entre os séculos XII e XIV, presentes na escultura funerária de outros reinos europeus, embora glosados de distintas formas. As imagens têm uma estrutura e um funcionamento próprios, resultando de uma reconfiguração onde se conjugam as fontes textuais/orais, as fontes iconográficas e o pensamento figurativo.

A convicção de no túmulo estar representado o mais acarinhado episódio da gesta de Egas Moniz, no qual o *Aio* de D. Afonso Henriques se desloca a Toledo e oferece ao rei D. Afonso VII de Leão e Castela a sua vida e da sua mulher e filhos em troca da palavra não cumprida pelo infante Afonso Henriques no cerco de Guimarães, ditou a sua valorização como memória do mais honrado cavaleiro do início da nacionalidade. A mais antiga referência à gesta de Egas Moniz consta da *Crónica Geral de Espanha de 1344* (D. Pedro, Conde de Barcelos), muito embora a sua origem possa ser anterior. Contudo, somente em meados do século XVI será estabelecida uma relação direta entre a gesta e a escultura patente no túmulo. A partir do 1.º quartel do século XVII a escultura torna-se o principal argumento para justificar a veracidade da gesta, argumento reiterado na literatura memorialista, na historiografia dos séculos XIX e XX e na justificação para o restauro do monumento funerário. Este discurso identitário condicionou a maior parte dos estudos sobre o túmulo, uma vez que os seus autores procuram na escultura a identificação de uma narrativa que, na verdade, não está presente.

O prestígio do tumulado, a lenda, a construção historiográfica e o programa figurativo foram apreciados num equívoco jogo de espelhos entre as imagens e os textos. No entanto, esta interpretação já faz parte da história do objeto uma vez que o mesmo se tornou emissor e recetor de significados diversos da sua natureza inicial.